

MAPEAMENTO INSTITUCIONAL E GEOGRÁFICO DA PRODUÇÃO EM FOLKCOMUNICAÇÃO NO BRASIL A PARTIR DA REVISTA INTERNACIONAL DE FOLKCOMUNICAÇÃO²¹

Felipe ADAM²²Kevin Willian KOSSAR FURTADO²³Rafael SCHOENHERR²⁴

RESUMO: O presente trabalho compõe a pesquisa A Folkcomunicação e a produção bibliográfica contemporânea sobre mídia e cultura popular: levantamento e retrato das 40 primeiras edições da Revista Internacional de Folkcomunicação, que identifica as principais contribuições dos estudos folkcomunicacionais no Brasil, a partir das publicações da Revista Internacional de Folkcomunicação (RIF) de 2003 a 2020 e realiza um levantamento de identificação empírica, de formatos, autoral, regional, teórica e metodológica do periódico. Este texto se concentra na localização institucional (instituição de ensino superior) e geográfica (região do Brasil ou país) dos autores – no momento da produção para o periódico – que publicaram nas primeiras 40 edições da revista. A pesquisa conferiu todos os 467 trabalhos disponíveis. O estudo traz um panorama atualizado dos últimos 17 anos da Folkcomunicação no Brasil.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Revista Internacional de Folkcomunicação; Estudos de mídia e cultura popular; Genealogia da Folkcomunicação.

1 INTRODUÇÃO

No primeiro semestre de 2020, a Revista Internacional de Folkcomunicação (RIF)²⁵ alcançou a marca de 40 edições publicadas. Único periódico no mundo dedicado exclusivamente ao campo folkcomunicacional, a RIF foi criada em 2003 pela Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom), sob coordenação editorial do professor Antônio Barros, do Centro Universitário de Brasília (CEUB), que editou o periódico até o primeiro semestre de 2004 e foi responsável pelas três primeiras edições. Em 2004, o professor José Marques de Melo consultou alguns docentes da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) que participavam das conferências da Rede Folkcom, desde as primeiras edições do evento, com apresentação de trabalho, que aceitaram editar a revista a partir de julho de 2004 (GADINI, 2021).

²¹ Trabalho apresentado no GT 1 - Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia da XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²² Doutorando em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: felipeadam91@gmail.com.

²³ Pós-doutorando em Sociologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: kevin@aol.com.br.

²⁴ Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor adjunto do Departamento de Jornalismo da UEPG. E-mail: rafaelschoenherr@gmail.com.

²⁵ Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom>>. Acesso em: 11 mar. 2021.

A UEPG formalizou uma parceria, documentada, que possibilitou apoio interno para a edição do periódico. O então reitor assinou termo de convênio com a Cátedra UNESCO/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, a Rede Folkcom e o então projeto de extensão Agência de Jornalismo da UEPG, que ficou responsável pela edição da revista naquele momento. No âmbito da UEPG, a produção da RIF se viabiliza pela parceria e apoio de estudantes, em geral bolsistas, seja para edição, contatos em autores, organização e também editoração. Com a criação do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG, em 2013, a revista passou a contar também com o apoio do grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação e de estudantes de mestrado. Ao longo desse período, destaca-se a figura do professor Marques de Melo, seja como parceiro direto, mediador nas dificuldades e incentivador do trabalho de edição. A manutenção da RIF, desde as primeiras edições, frisa Gadini, deve-se à memória do professor José Marques de Melo (GADINI, 2021).

A pesquisa que este artigo integra, *A Folkcomunicação e a produção bibliográfica contemporânea sobre mídia e cultura popular: levantamento e retrato das 40 primeiras edições da Revista Internacional de Folkcomunicação*, realiza um levantamento de identificação (empírica, de formatos, autoral, regional, teórica e metodológica) das produções científica e autorais da RIF para reconhecer as principais referências de estudos em Folkcomunicação, bem como as principais abordagens que, atualmente, dialogam com estudos folkcomunicacionais no Brasil. Objetiva identificar, ainda, as principais contribuições dos estudos em Folkcomunicação, no campo da Comunicação no Brasil, a partir de todas as produções publicadas nas 40 primeiras edições da revista (entre 2003 e 2020); e verificar impactos, pertinência e atualidade da RIF, a partir de presença conceitual, de autores e instituições de pesquisa.

A investigação que dá origem ao presente trabalho se desdobra de pesquisa de iniciação científica *A Folkcomunicação e a produção bibliográfica contemporânea sobre mídia e cultura popular: levantamento e retrato das 15 primeiras edições da Conferência Brasileira de Folkcomunicação*, desenvolvida por Kevin Willian Kossar Furtado, orientada por Sérgio Luiz Gadini, de meados de 2011 a meados de 2012. Futuramente, deve-se comparar os dados do levantamento das conferências Folkcom²⁶ com os da RIF.

Embora a Conferência Brasileira de Folkcomunicação seja o maior evento nacional relacionado ao tema, as pesquisas acadêmicas folkcomunicacionais também recebem destaque no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, ofertado pela Sociedade Brasileira de

²⁶ Ver Furtado; Gadini e Woitowicz (2014) e Gadini e Furtado (2014).

Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), no GT Comunicação Intercultural e Folkcomunicação, organizado junto ao evento da Associação Latino-Americana de Investigadores em Comunicação (ALAIIC) e na DT Folkcomunicação, da Associação Ibero-americana de Comunicação (ASSIBERCOM). A RIF foi escolhida por ser a única revista que tem por escopo congregar produções acadêmicas baseadas no referencial teórico de Luiz Beltrão.

2 METODOLOGIA

Tem-se como objeto empírico do projeto a Revista Internacional de Folkcomunicação, em suas 40 primeiras edições, publicadas entre 2003 e 2020 – todas disponíveis on-line. Após a definição das técnicas de coleta e elementos de coleta, serão sistematizadas as referências que melhor traduzem o material apresentado no periódico. Na sequência, o estudo se volta à identificação de fatores, indicadores e variáveis que podem revelar possíveis contribuições dos estudos folkcomunicacionais ensejados pela RIF no Brasil. Espera-se levantar e indicar alguns aspectos que podem expressar a eventual importância, atualidade, pertinência ou mesmo influência dos estudos folkcomunicacionais no campo da Comunicação no Brasil, no referido período de amostragem. Ao considerar que a revista se constitui na principal publicação da subárea, o mapeamento de suas publicações deve contribuir para que os pesquisadores do tema, em especial o grupo que atua em torno da Rede Folkcom, elabore ações de expansão do legado teórico de Luiz Beltrão.

Esta investigação objetiva apontar possíveis centros institucionais incentivadores e revitalizadores da produção da teoria da Folkcomunicação no Brasil, bem como mapear a rede de autores que dá sustentação e promove efetivamente o debate em torno da perspectiva folkcomunicacional na análise de fenômenos comunicacionais, midiáticos e culturais. Para isso, utiliza-se como objeto de pesquisa a RIF, cuja amostra foram as primeiras 40 edições da revista, que compreendem o período de 2003 a 2020.

O período de coleta ocorreu em dois momentos: em julho de 2020, quando foram listadas as produções científicas e técnicas da revista das edições 1 a 40 em uma planilha do *Excel*; e num segundo período, entre março e abril de 2021, quando o documento foi dividido pelos pesquisadores. Segundo Lakatos e Marconi (2017, p. 334), o momento da reunião de informações é importante, pois “é a fase da pesquisa que se ocupa de reunir as informações necessárias aos objetivos da investigação e aos problemas que o pesquisador objetiva resolver”. A organização dos dados e o processo conjunto de sistematização, com idas e vindas, era a



forma de melhor modular, por assim dizer, os próprios objetivos ou focos de investigação. Gradativamente, a análise se baseou na leitura dos títulos, autores, resumos e palavras-chave a fim de levantar 16 elementos dos trabalhos publicados na RIF (dos quais quatro tratamos diretamente, aqui): “Ano”, “Edição”, “Dossiê”, “Organizadores”, “Lista de títulos”, “Formato”, “Palavras-chave”, “Autores”, “Instituições de ensino superior” (IES), “Região”, “Área de conhecimento”, “Tipo de pesquisa”, “Referências teóricas”, “Objeto empírico”, “Localidade do objeto” e “Metodologia”. Os oito elementos trabalhos no presente trabalho foram: “Ano”, “Edição”²⁷, “Dossiê”, “Organizadores”²⁸, “Formato”, “Autores”²⁹, “Instituições de ensino superior” e “Região”.

Após a coleta inicial vinda de cada autor, foram realizados ajustes que demandaram outros acessos às publicações da revista para reordenamento dos dados computados, visto que a completude dos passos da coleta não foi estabelecida a priori, mas construídos ao longo do processo. Sobretudo, foram alterados os modos de contagem de “Autores”, o que implicou no recálculo das “Instituições de ensino superior” e “Região”³⁰. Optou-se por identificar todos os autores de cada publicação. Assim, por exemplo, se determinado artigo possuía três autores de uma mesma IES, somava-se três pontos para a referida instituição e três pontos para região onde ela se localiza; se fossem três autores de diferentes IES, somava-se um ponto para cada e um ponto para cada região onde elas se localizam, como forma de melhor visualizar, ao final, a presença ou recorrência autoral e institucional no escopo analisado.

Por isso, como se verá nos gráficos, adiante, os números de produções encontradas (científicas e técnicas) não foi equivalente ao de IES, visto que cada produção poderia conter mais de um autor. Por sua vez, há equivalência entre o número de IES com o de regiões. Quanto ao formato, a pesquisa dividiu-se em produções científicas (subdivididas em artigos e artigos de dossiê) e produções técnicas (subdivididas em discografia, ensaios fotográficos, entrevistas e resenhas). Em relação às instituições e regiões, levou-se em conta a IES – e seu respectivo estado ou país – a que o(a) autor(a) estava filiado na época da publicação da produção. Quando não havia menção da pertença institucional do(a) autor(a), optou-se por dar crédito à IES – e respectiva região em que se localiza – da última formação indicada pelo(a) pesquisador(a). Quando não havia menção de outros elementos (para este trabalho,

²⁷ “Ano” e “Edição” apenas como indicadores para situar as produções no tempo.

²⁸ “Dossiê” e “Organizadores” não se aplicou a todas as edições, como se verá adiante.

²⁹ A categoria “Autores” foi trabalhada parcialmente. Para o momento, não interessava a autoria nominal, mas o aspecto quantitativo dela.

³⁰ A partir disso, para “Ano” e “Edição” foi dado mais destaque.

especificamente), “Instituição de ensino superior” e “Região”, usou-se a nomenclatura “não identificado”. Neste texto, focou-se nos formatos, IES e regiões indicadas.

Por fim, realizou-se uma breve entrevista com os editores executivos da RIF do período de edição sob responsabilidade da UEPG – os pesquisadores Sérgio Luiz Gadini³¹ (julho de 2004 a dezembro de 2011) e Karina Janz Woitowicz³² (janeiro de 2012 até o momento). Cada editor recebeu sete perguntas por e-mail, quatro comuns aos dois e três específicas, referentes a acontecimentos da gestão de cada um. Futuramente, no desdobrar da pesquisa, outra entrevista em profundidade será realizada com os editores da revista e eventuais colaboradores estratégicos.

3 PERFIL DA REVISTA

Editada pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG, com o apoio da Rede Folkcom e a Cátedra UNESCO/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, a RIF, publicada, no momento, semestralmente, tem o intuito de divulgar a produção científica em Folkcomunicação ao valorizar o diálogo entre as contribuições conceituais da teoria e as análises de pesquisa empírica em uma atualização constante do legado de Luiz Beltrão, estimular novas investigações, considerar novos objetos e o fortalecimento de metodologias específicas da Folkcomunicação, além de oferecer conhecimento da teoria beltraniana para docentes, pesquisadores e estudantes da Comunicação.

Em 18 anos de história, a revista publicou 41 edições, 13 com dossiês temáticos. A partir da terceira edição ocorreu uma padronização nos materiais publicados, ainda que não houvesse um template oficial. Até então, os textos possuíam formatações diferentes, com variações formais. Em alguns casos, elementos importantes para a identificação de formato e autoria não estavam presentes, como, por exemplo, vinculação institucional e e-mail para contato dos autores. Além disso, os resumos não apresentavam o problema de pesquisa, não mencionavam a fundamentação teórica ou sequer sinalizavam a metodologia aplicada.

A RIF ganhou seu primeiro projeto gráfico em 2012, em uma edição comemorativa,³³ que iniciou uma fase com padronizações visuais e a produção de uma capa exclusiva para cada edição. “A iniciativa foi uma maneira de valorizar o uso de imagens que remetem à cultura nas capas e, também, tornar a revista mais elaborada nas páginas internas. O novo projeto gráfico ficou a cargo do colega Kevin Kossar Furtado.” (WOITOWICZ, 2021). A maior parte das capas

³¹ Entrevista concedida aos autores em 21 de abril de 2021.

³² Entrevista concedida aos autores em 27 de abril de 2021.

³³ Ver Woitowicz; Furtado e Gadini (2012).

foi produzida a partir de imagens do acervo do projeto de extensão em fotojornalismo do curso de Jornalismo da UEPG, o *Lente Quente*,³⁴ ou de fotos produzidas por mestrandos, quando da transferência da edição da revista para o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Uma nova reformulação do projeto gráfico da RIF foi feita em 2015 com a participação da então bolsista de mestrado Elaine Schmidt (WOITOWICZ, 2021).

As primeiras nove edições, publicadas entre 2003 a 2011, foram semestrais. A partir de 2012, a revista passou a ter periodicidade quadrimestral. Em 2016, a RIF retornou a publicar duas edições ao ano, frequência mantida até o presente momento. A periodicidade quadrimestral, adotada entre 2012 a 2016, fez parte das reformulações da revista e tinha como propósito intensificar o fluxo de produção, com a expectativa de impactos na avaliação do periódico. Pretendia-se manter duas edições regulares anuais, com artigos em fluxo contínuo e as demais seções, e uma edição temática em forma de dossiê. Alguns dossiês foram associados às temáticas das conferências da Rede Folkcom, com a intuito de reunir trabalhos de pesquisadores com a mesmo tema. Como os trabalhos passavam pelo mesmo sistema de avaliação e edição, os prazos para publicação se mostraram difíceis de viabilizar. “Após uma avaliação deste período, entendemos que, como a RIF possui um foco específico e não apresenta grande demanda de artigos, seria mais viável retornar à edição semestral, a exemplo do que fazem os principais periódicos da área” (WOITOWICZ, 2021). Do ano de 2012 a 2016, ao menos uma edição do ano foi temática. A partir de 2017, cada edição compõe um dossiê específico, em conjunto com as demais seções da revista. “A mudança contribuiu para um maior equilíbrio no número de textos publicados por edição e, inclusive, para a qualidade do material apresentado.” (WOITOWICZ, 2021).

A RIF se constitui em uma referência para pesquisadores que trabalham com a Folkcomunicação e com as interfaces comunicação e cultura, não só na Comunicação, mas em áreas como Educação, Antropologia, História, entre outras. Embora receba poucos artigos de pesquisadores do exterior, o interesse para publicação tem crescido, principalmente como espaço de difusão de resultados de pesquisas de mestrado e doutorado. Observa-se, sobretudo nos dossiês, a adesão de pesquisadores que procuram se aproximar dos estudos folkcomunicacionais, o que contribui para a renovação das pesquisas e dos diálogos teóricos na área (WOITOWICZ, 2021).

Neste trabalho, foram analisados os primeiros 40 números da revista, 12 dos quais dossiês. Durante o levantamento, imaginou-se que os textos dos dossiês tenderiam a ser de

³⁴ Projeto de extensão criado em 2010 e que até 2020 publicou em torno de 2 mil fotos sobre cultura em Ponta Grossa e região. Acervo disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/lentequente/>>. Acesso em: 30 abr. 2021.



autoria de pesquisadores cujas instituições seriam as mesmas dos organizadores da edição. Porém, a hipótese não se confirmou completamente. Poucas foram as edições com dossiês que tiveram publicação de uma grande quantidade de artigos cujos autores eram oriundos das mesmas universidades dos organizadores.

Tabela 1 – Dossiês temáticos da revista internacional de folkcomunicação

Ano	Edição/Dossiê da RIF	IES dos organizadores	Quantidade de textos da instituição
2012	20/Sabores populares na mídia	UEPG	2 (UEPG)
2013	23/Festas juninas: cenários folkcomunicacionais	UFPB (2)	Nenhum texto das instituições
2014	26/Folkcomunicação e ativismo	UEPG e UFPR	4 (UEPG)
2015	29/Folkcomunicação e decolonialidade	UFMT, UFRN e UEPG	8 (UFMT), 2 (UFRN)
2016	32/Folkcomunicação e religiosidade	Umesp e UFBA	2 (Umesp), 2 (UFBA)
2017	34/Folkcomunicação e políticas públicas	UMC (3)	8 (UMC)
2017	35/Culturas populares e mídias digitais	UFPE e UEPG	2 (UFPE)
2018	36/Folkcomunicação, patrimônio e identidade cultural	Umesp, UEPG e UNAM (México)	3 (Umesp), 4 (UEPG)
2018	37/Centenário de Luiz Beltrão	Unesp, USP e FIAM-FAAM	Nenhum texto das instituições
2019	38/Amazonidades e questões folkcomunicacionais	UFAM (3)	11 (UFAM)
2019	39/Tradição nos estudos de (folk)comunicação e cultura	UFRB e Uniso	2 (Uniso)
2020	40/Folkcomunicação, povos e comunidades tradicionais	UMC, UPE e Unitins	4 (UMC)

Fonte: Os autores.

Em termos de diversidade e de quantidade autoral, destaque para a edição 29 (*Folkcomunicação e decolonialidade*), que contou com textos de oito autores da UFMT e dois da UFRN. Já a edição 34 (*Folkcomunicação e políticas públicas*), publicou textos assinados por oito autores da UMC. No número 38 (*Amazonidades e questões folkcomunicacionais*), 11 pesquisadores da UFAM tiveram os textos publicados na RIF.

Em alguns dossiês, percebe-se a relação com as temáticas debatidas nos congressos nacionais da Rede Folkcom. A edição 20 (*Sabores populares na mídia*) foi inspirada no tema *Esteja a gosto, sabores e saberes populares: a folkcomunicação gastronômica* da XIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação (Folkcom 2010), em Ilhéus (BA). O dossiê do número 23 (*Festas juninas: cenários folkcomunicacionais*) da RIF já havia sido discutido um ano antes, na Folkcom 2012 de Campina Grande (PB), quando a temática foi *Festas juninas na era digital: da roça à rede*. Além disso, a edição 29 (*Folkcomunicação e decolonialidade*) do periódico funcionou como extensão do debate realizado em Cuiabá (MT), na ocasião da



redefolkcom



Folkcom 2015, quando o tema discutiu a *Folkcomunicação e pensamento decolonial na América Latina*. Por fim, o dossiê 38 (*Amazonidades e questões folkcomunicacionais*) também possui semelhança com a Folkcom 2018 (*Folkcomunicação, ancestralidade e desenvolvimento local*), que aconteceu em Parintins (AM) sob coordenação da UFAM. Inclusive, três docentes dessa instituição foram os responsáveis pela organização do número.

4 RESULTADOS

4.1 Produções científicas

A fim de entender o retrato da produção da teoria da Folkcomunicação no Brasil, o presente trabalho se dedicou a analisar as 40 primeiras edições da RIF. Busca-se elaborar um panorama da produção contemporânea folkcomunicacional publicada no Brasil. A seguir, serão apresentados dados que tratam da evolução das publicações científicas, a quantidade de produções técnicas e um levantamento numérico a respeito das instituições e regiões dos autores que enviaram textos ao periódico. O levantamento foi dividido entre produções científicas (Artigos e Dossiês) e produções técnicas (Discografia, Ensaio fotográfico, Entrevistas e Resenhas). O gráfico a seguir mostra a evolução da quantidade de textos científicos publicados no período de 2003 a 2020.

Gráfico 1 – Produções científicas publicadas na RIF (2003-2020)³⁵



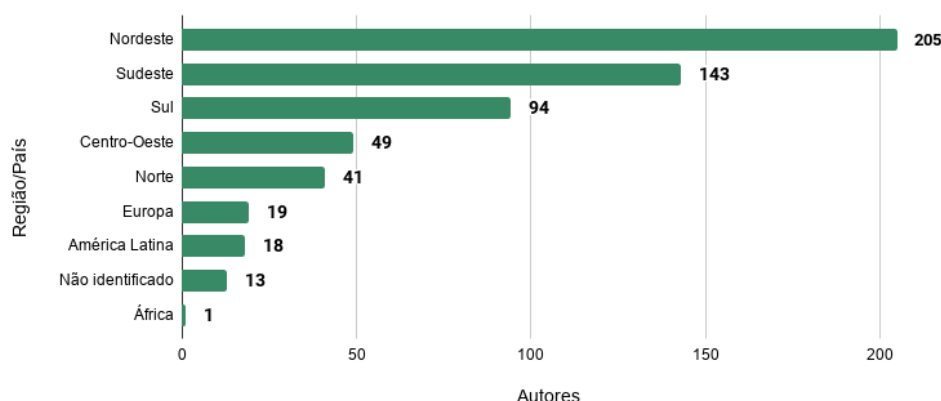
Fonte: Os autores.

Nota: Arte de Matheus Gastaldon.

³⁵ O gráfico indica o ano de 2020 com apenas 15 textos, pois a pesquisa alcança até a edição 40 da RIF, equivalente ao primeiro semestre do ano.

O levantamento encontrou 337 produções científicas. 241 artigos gerais e 96 textos dos dossiês. A média de publicações científicas chegou a 19 por ano. Em 2012, no décimo ano da revista, a publicação teve 22 textos científicos, o que coincide com o primeiro ano de publicação de dossiês, mais especificamente na edição 20. O pico de publicações foi atingido nos anos de 2017 (edições 34 e 35) e 2018 (edições 36 e 37) quando, em ambos os anos, o periódico totalizou 28 textos.

Gráfico 2 – Número de autores das produções científicas por região/país



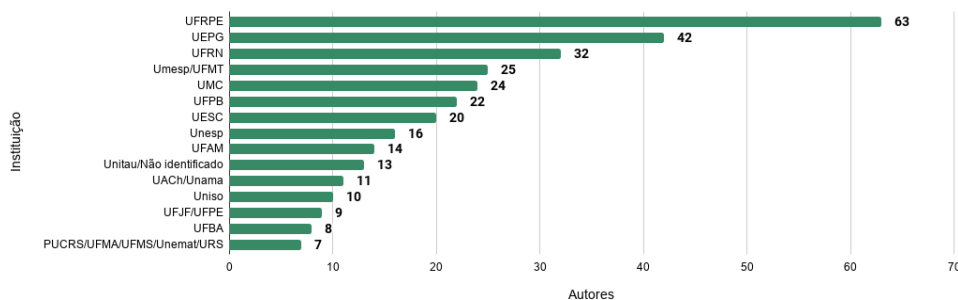
Fonte: Os autores.

Nota: Arte de Matheus Gastaldon.

Autores situados em 114 universidades³⁶ tiveram seus artigos científicos publicados na RIF. O Nordeste foi a região com mais participação no periódico. Entretanto, as instituições são variadas – como indicado no gráfico 3 – com destaque para Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). O Sudeste, que aparece na segunda posição, também aparenta uma característica semelhante, com autores pulverizados em diversas instituições, como a Universidade Metodista de São Paulo (Unesp), Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Universidade de Taubaté (Unitau) e Universidade de Sorocaba (Uniso).

³⁶ Autores de universidades com 5 produções científicas publicadas: Universidade de Lisboa, Unip, UENF, UPE, UFT, UFC. Autores de universidades que tiveram 4 produções científicas publicadas: USP, UFSM, UFRGS, UFSC, Univates, PUC-SP, UNIFG, UFPA, Unimonte. Autores de universidades que tiveram 3 produções científicas publicadas: UC (Portugal), Uniaeso, ESPM, UFPI, UECE, UFPR, UFRR. Autores de universidades que tiveram 2 produções científicas publicadas: UTP, Cesumar, UNIR, CEUT, Univali, FSBA, Estácio, UNEX (Espanha), Unifamma, Uminho (Portugal), UFRJ, PUC Goiás, PUCPR, UP (Portugal), Unipampa, Unilasalle, UERJ, Unila, UEL, IESB, CEUB, Unisinos, Facipe, Unicsul, UA (Portugal), Unisul. Autores de universidades que tiveram 1 produção científica publicada: Faculdade Anhanguera, Fatec, UFAL, UESPI, UFU, UFCG, Unime, IPL, UNC, UCP (Portugal), Unicamp, Iphan, UnB, UNAM (México), Unicentro, Unicap, IFCE, UFF, UAN (Angola), UFMG, IF SERTÃO-PE, UNAB (Chile), Universidade do Amazonas, UCB, UEPB, FIB, Unipac, FAEF, UEPA, UFS, FADOM, UMA, Unifor, UTPL, UFG, UESB, Universidade São Marcos, Univiçosa, Uvigo (Espanha), Feevale, FEAPA, Urosario (Colômbia), Univap.

Gráfico 3 – Número de autores das produções científicas por instituições



Fonte: Os autores.

Nota: Arte de Matheus Gastaldon.

Outros vieses apontados pelo gráfico 3 mostram que no Sul, por exemplo, quase metade das produções se concentram em uma única instituição de ensino superior, a UEPG, mantenedora da publicação. Mesma sintonia encontrada no Centro-Oeste, onde metade dos 49 autores estava concentrado na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Por fim, a região que teve menos participação nos primeiros 40 números da RIF foi a Norte, com 41 autores – 14 deles da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), muito em função do dossiê sobre amazonidades, em que 11 autores provinham dessa instituição.

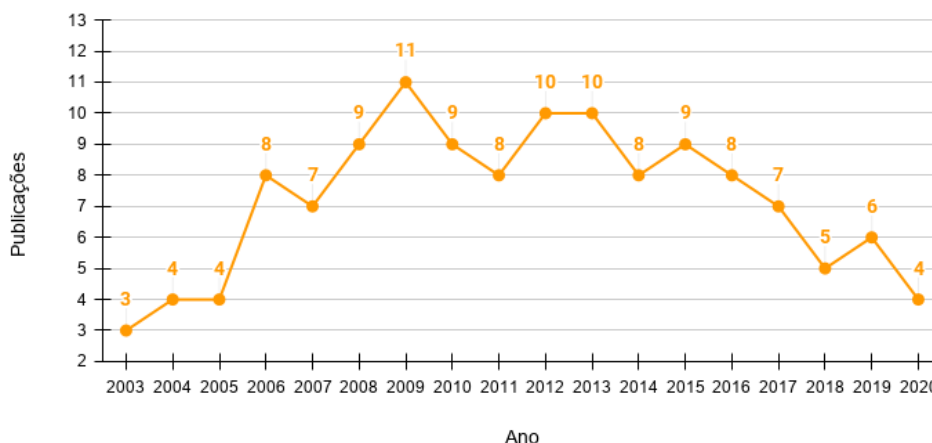
Destaca-se, ainda, duas informações, que são fundamentais para compreender a publicação sobre Folkcomunicação além das fronteiras brasileiras: 19 autores são europeus, especificamente da Península Ibérica (16 de Portugal e três da Espanha) e 18 da América do Sul, para além do Brasil (11 do Chile, dois da Argentina e da Colômbia, além de um autor da Bolívia, Equador e México).

4.2 Produções técnicas

Quando passou a ser responsável pela edição da RIF, a equipe da UEPG criou as seções resenhas e críticas, entrevista, ensaio fotográfico e discografia folkcom para fortalecê-la, com a perspectiva de abrir espaço para estudos, reflexões, análises e expressões que não entravam como ensaio ou artigo na revista e, ao mesmo tempo, garantiam diálogos transversais, envolvendo estudantes que manifestavam interesse pela Folkcomunicação (GADINI, 2021).

O levantamento encontrou 130 produções técnicas. Foram 53 resenhas de livros, 29 entrevistas, 28 ensaios fotográficos e 20 textos de análise de álbuns musicais, as discografias.

Gráfico 4 – Produções técnicas publicadas na RIF (2003-2020)



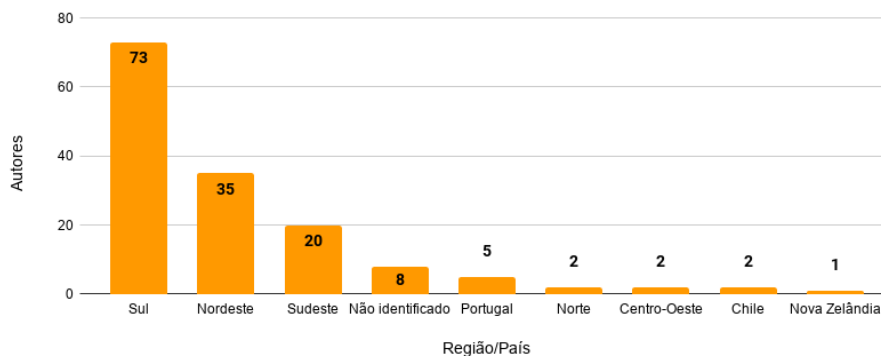
Fonte: Os autores.

Nota: Arte de Matheus Gastaldon.

Com uma média de sete publicações por ano, as produções técnicas começaram a aparecer timidamente na RIF (três no primeiro ano). O ápice de publicação em um único ano (2009, com 11), em uma quase crescente (excetuando o ano de 2007), chega antes da primeira década de publicação da revista—acompanhando mais ou menor presença de artigos científicos (comparar com gráfico 1). Depois de leve baixa, a RIF publica, por dois anos (2012 e 2013), coincidindo com o início da publicação de dossiês, números expressivos de produções técnicas (10 em cada ano). No período que compreende os últimos seis anos, excetuando os anos de 2015 e 2019, a revista baixa o número de textos desse expediente mais “jornalístico” ou informativo e chega ao menor número de produção técnica (4) na edição do primeiro semestre de 2020, dados só vistos no início do periódico, nos anos de 2004 e 2005.

A região Sul agrega quase metade dos autores das produções técnicas, 73 contra 75 somados das demais regiões e países que publicaram na RIF.

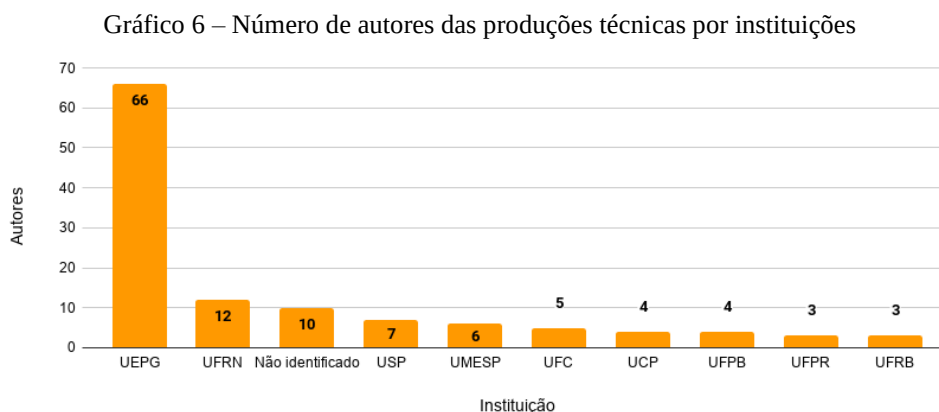
Gráfico 5 – Número de autores das produções técnicas por região/país



Fonte: Os autores.

Nota: Arte de Matheus Gastaldon.

No Sul se encontra a maior parte de autores que produziram textos sobre discografias, ensaios fotográficos, entrevistas e resenhas. O Nordeste, que aparece como a região que possui mais autores nas produções científicas, vem em segundo, com menos da metade da autoria (35) do que a região Sul. O Sudeste, que ocupa nas produções científicas o segundo lugar em autoria, aparece, aqui, em terceiro (20). Em quarto, os autores que (8) não indicaram a região onde se encontrava no momento da produção – mesma quantia de autores de fora do país (5 de Portugal, 2 do Chile e 1 da Nova Zelândia). Completam o quadro 2 autores do Norte e 2 do Centro-Oeste. Em relação às instituições de ensino superior de vínculo dos autores, a UEPG se destaca nas produções técnicas publicadas na RIF (66), indicando que a produção técnica se revela em alguma medida como uma estratégia ou um expediente mais próximo das próprias dinâmicas de gestão editorial da revista.



Fonte: Os autores.

Nota: Arte de Matheus Gastaldon.

Autores situados em 32 universidades³⁷ publicaram produções técnicas na RIF. Diferentemente do ocorrido em algumas produções científicas, nas técnicas não encontramos textos de autor(a) que indicava pertencer a mais de uma universidade ou de autores que indicavam pertencer a universidades diferentes. Universidades do Nordeste – UFRN (12), UFC (5), UFPB (4) e UFRB (3) –, do Sudeste – USP (7) e Umesp (6) –, não identificadas (10), UCP de Portugal (4) e a UFPR (3), do Sul, são as que mais publicaram produtos técnicos. Outras 23 universidades publicaram 2 ou 1 trabalhos cada.

A posição de revelo da UEPG pode se explicar pelo fato de ser a universidade responsável pela edição do periódico. Atestado pelos autores deste trabalho, que ocuparam, em diferentes momentos, as posições de editor associado e assistente editorial da RIF, ocorre de

³⁷ Autores de universidades que tiveram 2 produções técnicas publicadas: UFPE, UFRPE, UFJF, UFAM e UACH. Autores de universidades que tiveram 1 produção técnica publicada: UNIAESO, UFS, UP, UEMG, UFOP, UFSC, UESPI, UESC, UFCA, Unesp, UFMA, UEM, UNEMAT, UFRGS, UAM, UFMS, UNL (Portugal) e Massey University (Nova Zelândia).

muitos estudantes ou mesmo profissionais formados, sobretudo da pós-graduação em Jornalismo da instituição (e, antes de sua existência, da graduação em Jornalismo), serem estimulados e convidados a escrever discografias, fazer ensaios fotográficos, entrevistas e resenhas. Pode-se dizer até que o incentivo às produções técnicas de estudantes locais foi essencial para a manutenção das referidas seções ao longo da história da revista – dada a ênfase do curso de Jornalismo da instituição se dar historicamente na graduação, realidade compartilhada por diversas outras universidades que formam em Jornalismo e Comunicação.

5 Considerações Finais

O presente artigo se propôs a responder onde está centrada a produção da teoria da Folkcomunicação no Brasil. Após levantamento baseado nas 40 primeiras edições da RIF, identificou-se que o periódico já publicou 337 produções científicas: 241 artigos gerais e 96 textos de dossiês. Ademais, foram publicadas 130 produções de caráter técnico: 53 resenhas, 29 entrevistas, 28 ensaios fotográficos e 20 críticas musicais na seção discografia.

Reconhece-se a importância do Nordeste nas produções científicas. A região foi o berço de Luiz Beltrão, nascido em Pernambuco, e José Marques de Melo, natural de Alagoas (e que depois fortalece o campo justamente a partir de São Paulo), bem como dos discípulos Roberto Benjamin e Osvaldo Trigueiro. Também se valoriza o peso da UEPG nas produções técnicas. Os professores Sérgio Luiz Gadini e Karina Janz Woitowicz, enquanto editores da RIF, estimularam a produção sobre Folkcomunicação localmente. Em oposição, aponta-se a baixa presença de autores oriundos do Centro-Oeste e Norte. Embora a RIF tenha organizado um dossiê sobre amazonidades em 2019 – o que fez alavancar a presença de autores do Norte – acreditamos que seja necessário diversificar algumas temáticas dos dossiês por meio das regiões brasileiras. Abordar realidades regionais pode induzir pesquisadores a se interessarem e produzirem a partir da teoria de Beltrão.

Diante dos dados do levantamento, chama também atenção a indicação da pequena e restrita presença de pesquisadores de fora do Brasil. Quanto às produções científicas, em 40 edições da RIF, houve 532 autores brasileiros em contraponto aos 38 estrangeiros provenientes da Europa (16 de Portugal e três da Espanha), América do Sul (11 do Chile, dois da Argentina e da Colômbia, além de um autor da Bolívia, Equador e México) e África (um de Angola). Já em relação às produções técnicas, a revista contou com 132 pesquisadores do Brasil e oito do exterior (cinco de Portugal, dois do Chile e um da Nova Zelândia).

Por fim, trabalhos como este ajudam a identificar nichos dos estudos em comunicação no Brasil. Assim como na RIF, pesquisas semelhantes poderiam ser aplicadas em periódicos temáticos específicos, como a Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo (REBEJ), mantida pela Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ) e Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM), publicação da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Rede Alcar).

REFERÊNCIAS

FURTADO, Kevin Willian Kossar; GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz. Disposição geográfico-institucional dos pesquisadores folkcomunicacionais no Brasil: perfil da produção científica de 15 anos da Conferência Brasileira de Folkcomunicação. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 12, n. 27, p. 107-119, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1937/1376>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

GADINI, Sérgio Luiz. **Questões sobre a RIF**. Entrevista cedida a Felipe Adam, Kevin Willian Kossar Furtado e Rafael Schoenherr. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2021. E-mail.

GADINI, Sérgio Luiz; FURTADO, Kevin Willian Kossar. Retrato da Folkcomunicação no Brasil: análise temática das produções apresentadas em 15 anos da Conferência Brasileira de Folkcomunicação. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 159-184, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3647/4209>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Questões sobre a RIF**. Entrevista cedida a Felipe Adam, Kevin Willian Kossar Furtado e Rafael Schoenherr. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2021. E-mail.

WOITOWICZ, Karina Janz; FURTADO, Kevin Willian Kossar; GADINI, Sérgio Luiz. Revista Internacional de Folkcomunicação: 10 anos. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 10, n. 19, p. 6-7, jan./abr. 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1484/1055>>. Acesso em: 30 abr. 2021.